

CLARICE LISPECTOR: LITERATURA E RISO

Prof. Dr. Luiz Lopes

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET-MG

RESUMO: Nos últimos anos, parte da crítica da obra de Clarice Lispector tem se voltado para revisitar os textos da escritora brasileira estabelecendo novos diálogos entre sua literatura e o pensamento desenvolvido por filósofos como Derrida, Nietzsche, Deleuze, dentre outros. Nessa perspectiva comparativa entre literatura e pensamento desenvolve-se o presente trabalho. Pretende-se estabelecer um diálogo entre a literatura de Clarice e o pensamento de Nietzsche, partindo de um texto de Deleuze no qual o filósofo esbarra na questão do riso, ao comentar a escrita de Nietzsche. Trata-se não de ler os textos de Clarice através de um modelo preestabelecido pela filosofia de Nietzsche, mas de, a partir desse conceito do riso, refletir sobre como a literatura de Clarice acabou por, de forma muito particular, também se constituir como um convite ao riso e à alegria.

PALAVRAS-CHAVE: Clarice Lispector; Literatura; Riso.

ABSTRACT: In recent years, some of the critical reviews of Clarice Lispector's works became dedicated to revisiting the texts of the Brazilian writer and establish new dialogues between her literature and the thoughts developed by philosophers such as Derrida, Nietzsche, Deleuze, among others. This paper is based in this comparative perspective of literature and philosophical thinking. It intends to establish a dialogue between Lispector's literature and Nietzsche's thought, departing from a Deleuze's text in which the philosopher touches upon the issue of laughter while commenting on the writings of Nietzsche. It is not intended to read Lispector's texts through a predetermined model of Nietzsche's philosophy, but to, based on this concept of laughter, reflect on how Lispector's literature also constitutes itself, in a very particular way, as an invitation to laughter and joy.

KEYWORDS: Clarice Lispector; literature; Laughter.

Elevem os corações e as pernas, bons dançarinos, alto, ainda mais alto! E não esqueçam o bom riso! A grinalda do deus que ri, grinalda de rosas, eu a lanço a vocês, meus irmãos! Eu sacrifiquei o riso: vocês, homens superiores, aprendam, portanto – a rir!
Nietzsche

Em 1960 Clarice Lispector publica um de seus livros que se tornaria, com o passar dos anos, uma de suas obras mais reconhecidas, estudadas e

queridas de seu público leitor. Na mesma década de publicação de *A paixão segundo G.H.* e com alguns anos de antecedência, chegava às livrarias o volume *Laços de Família*. Esse volume conta com contos famosos como “Amor”, “O búfalo” e “Feliz aniversário”. Ainda que grande parte da crítica tenha se ocupado de modo mais demorado desses textos e dado menor relevância a outros que se vistos no conjunto da obra acabam por ter um espaço periférico, a intenção do presente texto é justamente a de discutir um conto ainda pouco explorado em relação aos outros supracitados. Trata-se do conto “A menor mulher do mundo”, que narra a história da descoberta por parte de um explorador francês, Marcel Petre, de uma mulher da raça dos pigmeus em pleno coração da África Equatorial.

Esse texto me parece importante, principalmente, por trazer à tona um elemento também pouco discutido na literatura de Clarice, a saber, a questão do lugar do riso em sua produção. Parto, na verdade, de uma perspectiva de leitura que acolhe a questão do riso. Dito de outra forma, pretende-se postular aqui o fato de que a leitura dos textos de Clarice é quase sempre uma leitura a partir da qual o riso é possível. Não se trata, é claro, de um riso clássico, mas de um *riso trágico*¹, que afirma a vida em sua totalidade. Se a literatura de Clarice traz de algum modo o riso, nesse conto, temos não só a possibilidade do riso, mas, sobretudo, um pensamento que se agencia a partir do riso.

Podemos começar a leitura por uma imagem inquietante do conto: há uma mulher que se defrontra com um homem. Essa mulher está viva e, por estar viva, ela ri.

É que a menor mulher do mundo estava rindo. Estava rindo, quente, quente. Pequena Flor estava gozando a vida. A própria coisa rara estava tendo a inefável sensação de ainda não ter sido comida. Não ter sido comida era algo que, em outras horas lhe dava o ágil impulso de pular de galho em galho. Mas, neste momento de tranquilidade, entre as espessas folhas do Congo Central, ela não estava aplicando esse impulso numa ação – e o impulso se concentrava todo na própria pequenez da própria coisa rara.

¹ Cf. (ALBERTI, Verena, 1999).

Revista Araticum

Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Unimontes
v.7, n.1, 2013. ISSN: 2179-6793

E então ela estava rindo. Era um riso como somente quem não fala, ri. Esse riso, o explorador estrangido não conseguiu classificar. E ela continuou fruindo o próprio riso macio, ela que não estava sendo devorada.²

É justamente essa imagem estranha, inquietante e que desconcerta não só o explorador, mas também o leitor, que parece ser o nó górdio desse conto de Clarice. O estranhamento se deve, em parte, ao fato do riso da menor mulher do mundo, chamada de Pequena Flor, romper com as expectativas. Sua alegria parece arrombar e deslocar a lógica dos acontecimentos e, dessa forma, subscreve-se dentro de um pensamento outro³. Cabe ainda dizer que talvez o que mais chame atenção nesse gesto da mulher seja o fato de que o riso é sempre algo fugaz, breve, efêmero e que, portanto, é difícil de ser captado, apreendido ou classificado. Ao rir, Pequena flor assinala o fato de que ela está viva. Rindo ela se transforma na própria vida ou, enunciando de outro modo, ela aponta para a vida que tal como o riso é fugaz e passageira. Em seu texto “O riso e a jubilação”, José Thomaz Brum afirma que “a beleza [do riso] é trágica como a da música: não dura, mas brilha como um relâmpago instantâneo”⁴.

É esse riso que parece fazer parte do texto clariciano e por meio dele Clarice consegue embaralhar determinados códigos⁵. Em um texto intitulado “Pensamento nômade”, Gilles Deleuze, ao discorrer sobre a filosofia de Nietzsche, diz que “aqueles que leem Nietzsche sem rir, e sem rir muito, sem rir frequentemente, e sem dar gargalhadas às vezes, é como se não lessem Nietzsche”⁶. O mesmo parece verdade quando nos aproximamos dos textos de Clarice. Ainda que por muito tempo a crítica tenha querido construir a imagem de uma escritora e de uma escrita melancólica, sombria e triste, a escritora brasileira bem como sua obra parece rechaçar esse espaço reativo e ressentido da tristeza.

² LISPECTOR, 2009, p. 73-74.

³ “O riso cômico é um tipo especial de força. A sua especificidade é fazer vacilar o mundo do sentido, o mundo do não-absurdo”. (BRUM, José Thomaz, 2008. p. 57).

⁴ BRUM, 2008. p. 56.

⁵ DELEUZE, 2006, p. 321.

⁶ DELEUZE, 2006, p. 325.

Revista Araticum

Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Unimontes
v.7, n.1, 2013. ISSN: 2179-6793

Na superfície de cada texto de Clarice encontra-se uma possibilidade do riso, desse gesto alegre que embaralha os códigos e gera outras entradas que não apenas a da pretensa seriedade que a autora quer abater.

Essa perspectiva parece ainda mais acentuada no conto em análise, já que o riso se configura não apenas como possibilidade de exercício pelo leitor, mas ainda é um fato imanente à própria história que se conta. No centro da narrativa há uma mulher que embaralha os códigos já conhecidos de um homem ao rir e se apresentar em riso diante dele. Nesse sentido, a literatura de Clarice é, em alguma medida, o testemunho desses momentos de riso, desses instantes de pequenas luminosidades que em “A menor mulher do mundo” se constitui por meio da imagem do menor pigmeu do mundo, “uma mulher de quarenta e cinco centímetros, madura, negra, calada”⁷. O que é colocado em cena nessa escrita é o perigo de estar vivo, que não exclui um estilo alegre. Há no texto uma existência frágil, que a qualquer momento poderia deixar de existir, mas que mesmo assim continua ali, em estado de latência. O conto é também o confronto entre duas lógicas que aos poucos acabam por se confundir, entre o homem e a mulher, entre o “caçador civilizado” e a “mulher selvagem”, entre o pequeno e o grande, entre o riso e a ciência. A personagem Pequena Flor representa esse riso que é uma força que afiança a vida, a aceitação incondicional do que ocorre, “a jovial afirmação do que existe de mal e de bom, de doloroso e de agradável”⁸.

Nesse sentido, Pequena Flor, a menor senhora do mundo, se confronta com o explorador francês que representa por sua vez o homem da ciência e da lógica racional. Enquanto ele busca uma verdade por detrás das coisas, na profundidade do que vive e quer classificar, ordenar e quantificar o que existe, ela, ao contrário, aponta para uma postura existencial que significa rir para a vida, aceitar os fatos tais como eles são e nesse sentido transformar o mudo ao seu redor, por meio de um *sim* que acolhe não só o lado alegre da existência, mas

⁷ LISPECTOR, 2009, p. 68.

⁸ MACEDO, 2008, p.195.

Revista Araticum

Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Unimontes
v.7, n.1, 2013. ISSN: 2179-6793

também a parte impregnada de dor que é inerente a toda forma de vida. A pequena mulher, ao tomar como atitude a aceitação alegre da existência, acaba não querendo uma explicação das coisas, mas, ao contrário, aceita com um riso que se estampa em seu rosto o devir de cada coisa.

Clarice parece querer confrontar essas duas posturas diante da vida, a saber, a postura do homem racional, que pretende alcançar uma verdade última⁹ sobre as coisas, fruto de uma cultura reativa e outra postura, que poderia muito bem representar a cultura trágica, que não pretende portar uma verdade, mas tão só aceitar a superfície dos fatos. É por isso que aparece no conto a explicação de que a raça da menor mulher está sendo exterminada aos poucos e que além das doenças e outras formas de mortandade, os Likoualas enfrentam os Bantos, que os caçam e os comem. Os Likoualas então decidem como estratégia de sobrevivência viver no alto das árvores, lugar onde estão mais bem protegidos da ameaça. Viver para essa raça de homens pequenos é, sobretudo, uma festa. Eles reconhecem na experiência humana um lado festivo e por isso eles tocam tambor e dançam para comemorar o fato de que não foram comidos pelos Bantos.

A menor mulher do mundo é, de certa forma, uma pequena luz, que resiste a toda forma de mortificação e que aponta para o amor ao terreno, à existência sem um além. Diferente de uma cultura reativa que prega a todo o momento a grande luz, o amor àquilo que é sempre transcendente, na simplicidade de Pequena Flor, encontra-se a pequena luz que é possível no *aqui* e no *agora*, no instante já que é o tempo por excelência de uma cultura trágica, um tempo que faz vigorar o valor imanente de tudo que existe. Assim como observa Georges Didi-Hubermann, “ver o horizonte, o além é não ver as imagens que vêm nos tocar. Os

⁹ “Ali em pé estava, portanto, a menor mulher do mundo. Por um instante, no zumbido do calor, foi como se o francês tivesse inesperadamente chegado à conclusão última. Na certa, apenas por não ser louco, é que sua alma não desvairou nem perdeu os limites, Sentindo necessidade imediata de ordem, e de dar nome ao que existe, apelidou-a de Pequena Flor. E, para conseguir classificá-la entre as realidades reconhecíveis, logo passou a colher dados a seu respeito”. (LISPECTOR, 2009, p. 68-69).

Revista Araticum

Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Unimontes
v.7, n.1, 2013. ISSN: 2179-6793

pequenos vaga-lumes dão forma e lampejo a nossa frágil imanência”¹⁰. Assim, podemos entrever nesse texto de Clarice uma pequena luz intermitente que insiste em dizer sim ao perigo de viver, uma luz chamada Pequena Flor, que diz sim àquilo que foi concedido ao homem experimentar. Tal como um vaga-lume, essa pequena mulher se contrapõe aos ferozes projetores, às grandes imagens, que segundo Didi-Huberman, “devoram toda forma e todo lampejo – toda diferença – na transcendência dos fins derradeiros”¹¹.

Ao contrário dessas grandes luzes, Clarice trabalha com uma luz menor, com a imagem de um riso que brota do rosto da menor mulher, num riso-lampejo. Sendo assim, sua literatura faz ver ou oferece ao olhar esse brilho intermitente que obriga a olhar a menor imagem. Trata-se de deixar de lado os grandes horizontes e se voltar para essas figuras menores. No conto de Clarice olhar essa imagem menor é novamente um exercício de pensamento, um exercício duplo, já que ocorre no próprio texto e fora dele, na experiência do leitor. Depois de se confrontar com essa imagem menor, o explorador francês decide tirar uma foto de Pequena Flor. Essa foto acaba rodando o mundo por meio das notícias e das imagens televisivas que criam um tom exótico em torno da narrativa da descoberta dessa mulher na África.

O leitor acompanha várias sensações de diversas pessoas que entram em contato com a imagem (fotografia) de Pequena Flor. A lista de sensações é imensa, assim como variada. “A fotografia de Pequena Flor foi publicada no suplemento colorido dos jornais de domingo, onde coube em tamanho natural. Enrolada num pano, com a barriga em estado adiantado. O nariz chato, a cara preta, os olhos fundos, os pés espalmados”¹². Diante dessa imagem que representa a pequena mulher, surgem sensações de aflição, ternura, espanto, vacuidão, êxtase, piedade, crueldade. Cada um que observa a imagem se afeta de modo diferente, mas parece que o mal-estar causado no explorador francês,

¹⁰ DIDI-HUBERMAN, 2010, p. 115.

¹¹ DIDI-HUBERMAN, 2010, p. 115.

¹² LISPECTOR, 2009, p. 70.

sentido quando este observa Pequena Flor, se reproduz de algum modo e em alguma intensidade em todos que observam a mulher. Aqueles, contudo, que experimentam o contato por meio da fotografia, acabam fugindo da sensação de mal-estar, o que não ocorre, pelo menos na mesma velocidade, com Marcel Petre e muito menos com o leitor de Clarice.

Na experiência direta com Pequena Flor, existe algo que a vivência indireta não pode testemunhar nem registrar, o riso que afirma a existência terrena. Essa postura de afirmação do terreno que se constitui em parte pelo riso de Pequena Flor ganha uma amplitude maior quando sabemos que a pigmeia está grávida. Além de esboçar um riso por ainda não ser devorada, acabamos, nós leitores, sabendo que essa mulher também carrega em si outra existência, que, por certo, poderá garantir a sobrevivência de uma raça alegre e festiva.

Metodicamente o explorador examinou com o olhar a barriguinha do menor ser humano maduro. Foi nesse instante que o explorador, pela primeira vez desde que a conheceu, em vez de sentir curiosidade ou exaltação ou vitória ou espírito científico, o explorador sentiu mal-estar.¹³

O mal-estar do explorador se deve, em parte, ao fato de que diante do riso, todo o *logos* é desconstruído. O riso não pode ser apreendido pela lógica científica. Ele escapa às ferramentas de uma verdade absoluta. Não podendo classificar, ordenar e nomear, Marcel Prete se vê ante o incontornável, o indomável, o aspecto selvagem da própria existência. Nesse sentido, o riso que aparece no conto de Clarice não pode ser lido apenas pelo caráter cômico mais imediatamente associado ao ato de rir. Parece que em Clarice, ao contrário, o riso está mais próximo de um modelo trágico, tal como foi pensado por Nietzsche, o que significa acima de tudo essa absoluta e incondicional asseveração da existência em seus aspectos não só alegres como também em sua estrutura mais problemática. O riso, portanto, é um modo de acessar o próprio absurdo da existência.

O riso trágico que Pequena Flor esboça é bestial, um riso próximo da

¹³ LISPECTOR, 2009, p. 73.

Revista Araticum

Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Unimontes
v.7, n.1, 2013. ISSN: 2179-6793

alegria¹⁴, que deixa o outro, o discurso da ciência, com seus próprios códigos embaralhados. No aforismo 327, de *A gaia ciência*, Nietzsche observa que “o intelecto é, na grande maioria das pessoas, uma máquina pesada, escura, rangente, difícil de pôr em movimento”¹⁵. Por isso, o filósofo afirma que é necessário, destruir o preconceito em torno do riso, posto que o riso, ao contrário do que se pensa é uma agente do pensamento. Por meio do riso é possível chegarmos a um saber, a um conhecimento leve e alegre que afirma a existência e diz sim ao mundo¹⁶. É esse saber que de algum modo parece estar no corpo de Pequena Flor, ela sabe das coisas (ou as sente) em seu próprio corpo. Seu pensamento se faz corpo, e é no corpo que essa força se produz como movimento em favor da vida e da alegria: “Em segundo lugar, se a própria coisa rara estava rindo, era porque, dentro de sua pequenez, grande escuridão pusera-se em movimento”¹⁷.

Por rir, move-se em Pequena Flor uma alegria, que figura em seu rosto como um sorriso. Diante do acaso, o encontro com o outro, a pequena mulher ri como quem afirma a vida; afirma um encontro e se vê diante do novo. Seguimos aqui o que é postulado por Nádia Battella Gotlib, ao falar de Clarice em seu texto “Macabéa e as mil pontas de uma estrela”, quando a crítica acaba aproximando a personagem de *A hora da estrela* à figura de “A menor mulher do mundo”, já que para Gotlib tanto uma como outra constitui, sobretudo, aquilo que nos escapa. E escapa não por uma suposta transcendência. Essas personagens não estão além de, mas inculcadas em si. Elas são ao mesmo tempo os seres excluídos, as pequenas luzes num mundo de grandes projetores, mas também elas são de certa

¹⁴ “Não ser devorado é o objetivo secreto de toda uma vida. Enquanto ela não estava sendo comida, seu riso bestial era tão delicado como é delicada a alegria. O explorador estava atrapalhado”. (LISPECTOR, 2009, p. 74).

¹⁵ NIETZSCHE, 2001, p. 217.

¹⁶ “E ‘onde há riso e alegria, o pensamento nada vale’: – assim diz o preconceito desta besta séria contra toda ‘gaia ciência’. – Muito bem! Mostremos que é um preconceito”. (NIETZSCHE, 2001, p. 217).

¹⁷ LISPECTOR, 2009, p. 74.

Revista Araticum

Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Unimontes
v.7, n.1, 2013. ISSN: 2179-6793

forma aquilo que se basta enquanto pulsão vital, vida primária¹⁸.

Cumpra ainda dizer que, quando Pequena Flor esboça seu riso, ela está, mesmo que de modo não consciente, aceitando as contradições da existência e, nesse sentido, acolhe o caráter “totalitário” da jovialidade, que segundo Clement Rosset é uma das marcas da alegria. Para Rosset, “o regime da alegria é o do tudo ou nada: não há alegria senão total ou nula [...]”¹⁹ ou dito de outro modo, “há na alegria um mecanismo aprovador que tende a ir além do objeto particular que a suscitou, para afetar indiferentemente qualquer objeto e chegar a uma afirmação do caráter jubiloso da existência em geral”²⁰.

Esse movimento do particular para o geral aparece no conto de Clarice quando, depois de rir, Pequena Flor vê o homem, aquele que representa a outra cultura, o estrangeiro, a própria diferença e se deixa invadir pelo amor, pelo amor à sua existência e à existência do outro, pelo amor ao particular momento do riso, mas também pelo geral, pela afirmação incondicional de tudo que ela vivera até aquele momento. Seu peito estava cheio de amor.

É que a própria coisa rara sentia o peito morno do que se pode chamar de Amor. Ela amava aquele explorador amarelo. Se soubesse falar e dissesse que o amava, ele inflaria de vaidade. Vaidade que diminuiria quando ela acrescentasse que também amava muito o anel do explorador e que amava muito a bota do explorador. E quando este desinchasse desapontado, Pequena Flor não compreenderia por quê. Pois, nem de longe, seu amor pelo explorador – pode-se mesmo dizer seu “profundo amor”, porque, não tendo outros recursos, ela estava reduzida à profundidade – pois nem de longe seu profundo amor pelo explorador ficaria desvalorizado pelo fato de ela também amar sua bota. Há um velho equívoco sobre a palavra amor, e, se muitos filhos nascem desse equívoco, tantos outros perderam o único instante de nascer apenas por causa de uma suscetibilidade que exige que seja de mim, de mim! que se goste, e não de meu dinheiro. Mas na umidade da floresta

¹⁸ GOTLIB, 2001, p. 317.

¹⁹ ROSSET, 2000, p. 7.

²⁰ ROSSET, 2000, p. 7.

Revista Araticum

Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Unimontes
v.7, n.1, 2013. ISSN: 2179-6793

não há desses refinamentos cruéis, e amor é não ser comido, amor é achar bonita uma bota, amor é gostar da cor rara de um homem que não é negro, amor é rir de amor a um anel que brilha. Pequena Flor piscava de amor, e riu quente, pequena, grávida, quente.²¹

Nesse trecho, o riso de Pequena Flor aponta para o amor que a mulher sente pelo mundo, por cada coisa do mundo, por cada ocorrência de sua existência. Muito próximo do que podemos ler em outro conto de *Laços de família*, a saber, no texto “Amor”, nos vemos diante de uma mulher que afirma de forma total e incondicional a existência terrena. Assim, o riso se associa àquilo que Nietzsche chama de *amor fati* em *A gaia ciência*. No aforismo 276 do referido livro, Nietzsche abre a quarta parte de sua obra dizendo que o *amor fati* é a capacidade de tornar as coisas belas, ou dito de outro modo, a aptidão por dizer *sim* aos acontecimentos da vida.²²

Depois de um momento de encontro com o riso, Marcel Prete volta ao desconforto e, ocupando-se de notas, foge da possibilidade de permanecer no riso da pigmeia. Ela, por sua vez, quando conversa com o explorador, responde “sim” a algumas perguntas do homem da ciência. Esse sim, mais do que uma afirmação, retoma, na verdade, uma postura diante do mundo, a postura da menor mulher do mundo, que engendra uma revolução²³. O riso de Pequena Flor é, em suma, uma força revolucionária que permite aos leitores de Clarice entreverem no texto e para além dele a vida que resiste sempre à morte. Pequena Flor faz esse movimento, o de buscar meios para satisfazer seu desejo, afirmando ao máximo os bons encontros e sua aptidão como ser para se deixar ser afetada e atravessada pela potência da alegria. A literatura de Clarice nunca deixa de nos lembrar disso: que somos seres capazes de nos alegrar, de esboçar um sorriso que significa ou pode significar a criação de um território alegre.

²¹ LISPECTOR, 2009, p. 74-75.

²² “Quero cada vez mais aprender a ver como belo aquilo que é necessário nas coisas [...]. Não quero acusar, não quero nem mesmo acusar os acusadores. Que minha única negação seja *desviar o olhar!*” (NIETZSCHE, 2001, p. 188).

²³ LINS, 2008.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **O riso e o risível na história do pensamento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BRUM, José Thomaz. “O riso e a jubilação”. In: KANGUSSU, Imaculada [et. al.]. (Orgs.). **O cômico e o trágico**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.

DELEUZE, Gilles. **A ilha deserta e outros textos**. São Paulo: Iluminuras, 2006.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **As sobrevivências dos vaga-lumes**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

GOTLIB, Nádia Battella. “Macabéa e as mil pontas de uma estrela”. In: MOTA, Lourenço Dantas; JUNIOR, Benjamin Abdala (Orgs.). **Personae: grandes personagens da literatura brasileira**. São Paulo: SENAC, 2001.

LINS, Daniel. “A alegria como força revolucionária”. In: _____. **Fazendo Rizoma: pensamentos contemporâneos**. São Paulo: Hedra, 2008.

LISPECTOR, Clarice. **Laços de família**. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

MACEDO, Iracema. “Sobre a noção de jovialidade/serenidade no pensamento de Nietzsche”. In: KANGUSSU, Imaculada [et. al.]. (Orgs.). **O cômico e o trágico**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

ROSSET, Clement. **Alegria: a força maior**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2000.